

– CAPÍTULO 15 –

Ninh Binh

Ficha técnica: Ninh Binh

Toda pressão calculada é positiva. A não calculada, é detalhe.

Diário de viagem

31 de dezembro de 2025

Linha 15, centro de Hanoi

https://maps.app.goo.gl/7Ce3bj1R45gxMm8c9?g_st=ic

[16.1 noite de ano novo]

Estamos indo ao centro para encontrar os amigos. 19:16 chegamos ao centro, finalmente descendo do bus. Eles estavam perto do edifício Ho chi Mihn.

A cidade estava cheia de lanternas penduras nas árvores. A cor vermelha, por algum motivo, parecia saltar diante dos meus olhos.

As passagens foram somente 10 mil dong, mais baratas que no Brasil até.

Acordando num beco em hanoi. Cheiros dos vegetais cozinhando numa panela no chão da rua. Sons de buzinas e músicas ao longe. A cidade estava cheia, mesmo que nosso anfitrião tenha dito que vietnamitas não comemoravam o feriado de ano novo. A polícia bloqueou algumas ruas, e o trânsito de pessoas ficou insano. Contamos pros amigos mexicanos e a polonesa que estávamos esperando um bebê.

No dia seguinte, a cidade estava cheia de barulhos de automóveis e gente pra todo lado. Fumaça de cigarros, comidas variadas.

Voltaríamos a phu ló para o aniversário do nosso anfitrião, e também para provar carne de cachorro.

[Últimos acontecimentos]

acordado às cinco da manhã do dia 2 de janeiro. Liguei pros meus pais que estavam na praia. O Ronaldinho estava por lá também. Liguei pros avós e eles estavam com a Alba e a Giovana. Falei que 2026 era o ano do cavalo

Ontem fui na celebração da vizinhança, com o Hoang, nosso anfitrião. Tomei licor com eles. Eles brindaram muitas vezes. Falei sempre para olharem nos olhos. Tradição. Mesa dos mais idosos, e mulheres em separado

Fomos comer carne de cachorro e de gato num restaurante proximo. A de cachorro parecia um presunto defumado, bem gordurosa e com ossos. A de gato veio frita, bem temperada. Estábamos com a Kasia. A Gabi estava bem enjoada. Ficamos duas horas no ônibus desde o centro, onde dormimos num hostel

cápsula na virada do ano. Tomei iogurte com chocolate enquanto me recuperava da ressaca. Decidimos dar uma volta na quadra e tudo estava cheio e de gente de cheiros.

Houveram fogos de artifício ao redor do açude central. As bombas explodiram alto e a chuva de fogos terminou exatamente a meia noite. Contamos pros mexicanos e pra polonesa que estávamos esperando um bebê.

Comemos pizza pepperoni com coca e caminhamos pelo centro de hanoi. Havia uma grande igreja. As luzes brilhavam. A polícia fechou uma parte é a multidão trafegava. A polícia fechou algumas ruas. Eu Mário e Kasia fomos ao mercadinho comprar bebidas e petiscos. Chegamos a tempo. Fizemos amigos e tiramos fotos com os locais, tanto nos corredores de gente em frente ao prédio Ho chi min quanto na beira da água. Kasia deu vodka pra eles. Tocamos muitas músicas boas na caixinha de som. Estábamos felizes.

Viajar ida e volta ao centro enjoava muito a Gabi. Aprendi sobre línguas húngaras, sobre o Liechtenstein e sobre as divisões da Polônia. Caminhamos a noite pelas seguras ruas de há noi. Hoang me disse que os orientais dali seguiam o calendário lunar e por isso o ano novo era em fevereiro para eles. Ocidentais usavam calendário solar.

No dia 31 eu trabalhei de manhã, liguei pro Daniel depois de jogar uma hora de xadrez.

Falei muito, mas muito mesmo. Ele me ouviu. Falamos sobre a IA na vida moderna e as redes sociais lotadas de vazio. A Gabi se arrumou e fomos por 2h até o centro. Eu comia sempre arroz frito com carne e molho de tomates cozidos.

[Alguns flashes da última semana]

fiquei organizando textos no celular e no pc

Saímos pra jantar com Hoang, Lily e a menina do Alaska que se chamava Runa e tinha uma cara meio esquimó.

A comida do Vietnam era menos apimentada

Fiquei quatro horas falando com o Castro, lembrando antiguidades e também escrevemos algo pra postar no meu site - decidi escrevi alguns livros sobre meus amigos.

Também decidi fazer um guia da paternidade e de ser um bom marido. As mudanças prometiam ser intensas nos próximos meses. O segundo mês da gestação da Gabi parecia muito insano pelas oacilacoes empicioanis.

Houve um último acontecimento no distrito phu loque foi-o aniversarioonoso anfitrião Hoang. Sentei na sala com a família: os avós, os filhos e os pais. A esposa dele perguntou se a Gabi estava cansada pela gravidez. Fingi que não sabia nada mas sim ela estava tendo muitos enjoos . Pra mim a busca era achar o que ela podia comer. Demos melancia pra ela e comprei umas bolachas sem gosto, pra dar uma farinhada no sangue.

Esquentei arroz, carne e tomate naquela noite, e fiz uma torrada com ovo pra ela a pedidos. Hoang ficava até mais tarde jogando rpg na grande Tv da sala, e eu me pus a escrever essas memórias tentando me livrar dos vícios em redes sociais.

A menina do Alaska desceu bem mais tarde, quando o bolo já estava no fim. O menininho da casa me perguntou se eu gostava de watermelon e eu falei que sim. Estava encantado com tudo que era criança.

O lituano também estava melhorando. Conseguia ler mais de quinze páginas do livros Harry Potter e a câmara secreta (meu fiel escudeiro) sem nem mesmo precisar do chatgpt. Fiquei de boa pela rafer e jogando xadrez eventualmente, buscando melhorar meu elo até mil e poucos (meu recorde pessoal seria esse, se conseguisse)

A vida fora das redes apresentava um outro sabor. Cada hora valia muito, e era difícil se distrair sem uma bomba de dopamina na palma da mão. De repente, dava tempo de fazer tudo e mais um pouco. Eu não ficava com medo de começar as tarefas porque simplesmente sabia que - segurar na mão de Deus e ir - era o único caminho nesse momento. Trabalhar, aprender, criar raciocínio útil.

Diário de viagem, 06 de Janeiro de 2026

Quan Hoa, Há noi

[O limão e o gengibre]

As oito da manhã eu já estava pronto.

Saí para as ruas procurando uma lista de itens que deveria reduzir os enjoos da Gabi, e fazer com que ela ficasse mais estável. Me assustou um pouco que, ao abraça-la, senti que estava perdendo muito peso.

- dez? – perguntei a moca, que não falava inglês, como muitos naquela cidade oriental. – ela confirmou, escrevendo o preço das mercadorias num pedaço de papelão.

Aparentemente, o limão e o gengibre tem propriedades que inibem o enjoo, mas devem ser usados com moderação porque atacam as paredes do estômago; Era tudo uma questão de reter o máximo de líquidos que ela pudesse, enquanto aquele difícil segundo mês de gestação transcorria.

(imagem)

[inverno]

Tecnicamente, Hanoi, a capital do Vietnam, também ficava no hemisfério norte, a uma latitude de mais ou menos 20 graus, quase saindo da zona tropical. Saí na noite de segunda para uma caminhada até o Hoan Kiem Lake, a pouco mais de cinco quilômetros dali onde estávamos.

Eu vestia dois casacos e uma bermuda, e isso foi suficiente para me manter aquecido naquele momento. Vi de longe a praça do Mausoléu de Ho Chi Mihn, que era muito mais calmo e bem preservado que as caóticas ruas repletas de motos e pessoas saindo por pequenos becos nos bairros.

De qualquer forma, é claro que havia lugares muito mais frios.

Na Lituânia, vimos que janeiro trouxera morros de neve sobre os carros e sobre a entrada da casa dos Moles (Molo House); a cachorrinha da família, Wendy, corria no gramado coberto de branco.

- minha mãe diz para voltarmos nadando, - falou a Gabi, sonhadora, quase como sempre.

- eu bem que gostaria – pensei alto. Havia muitas dúvidas em nossas cabeças de jovens pais: poderíamos voar naquele estado? Para ela, com certeza seria uma experiência bastante intensa. Transladados em aeroportos eram sempre complicados, porque precisávamos esperar nas escadas em cadeiras frias e tudo era mais caro nesses ambientes.

[Nosso apartamento]

Aqui tinha uma sala-cozinha, um quarto com duas pequenas janelas e um banheiro. A internet ia bem, e tínhamos alguns mercados perto. Quando saía na rua, não via as lanternas coloridas que o turismo do *Old Quarter* proporcionava, e sim pessoas ajustando placas de metal em oficinas, arrumando motos e carregando caixas de vegetais. Havia uma quadrinha de tênis perto de nós. Vivíamos num bairro que era um labirinto de prédios difícil de sair, a uma primeira vista. Bandeiras vermelhas do país e do partido comunista estavam penduradas em toda parte. Havia cachorros e crianças, como em qualquer lugar.

As notícias do mundo falavam que Donald Trump, presidente dos Estados Unidos na época, havia sequestrado o ditador venezuelano Nicolás Maduro, ativando ainda mais as tensões para uma guerra internacional. Perguntei ao nosso anfitrião, Hoang, o que ele achava disso, na manhã do acontecido:

- eu detesto o Trump, - dizia ele, num inglês sotaqueado, - para mim, os Estados Unidos tem sempre dois pesos, duas medidas.

- como assim? – perguntei, enquanto observava de canto de olho a Gabi enjoando no carro.

- Quando eles querem invadir algum lugar, é por paz, e nunca por petróleo.

Aparentemente, ele era muito nacionista também, o Hoang. Falava sempre que os vietnamitas eram fortes e tinham tradições em guerras contra países muito maiores.

- enquanto estávamos no Laos, vimos uma galeria que contava a história do Laos, o país mais bombardeado da história – comentei.

- acho que esse posto vai para o Vietnam, - falou ele. – Nós somos a única nação do mundo que realmente recebeu bombas do B52 e conseguiram lutar de volta. E digo mais: se sequestrassem nosso presidente, jamais deixaríamos barato. Um país que permite isso, para mim, não é um país.

Após um certo engarrafamento no horário das cinco da tarde, chegamos a um grande shopping center, que era aonde ele nos deixaria.

- Gabi, você não parece bem – observou ele. – porque vocês não vão a um hospital?

Não tínhamos contado a eles.

- Sim, é um boa, - falei distraído. Pegamos as malas, e nos despedimos, enfim, depois de duas semanas na companhia daquele homem.

O shopping estava lotado, e era grande pra caramba. Sentamos em um banquinho para reservar um airbnb, e com diversas bolsas e sacolas. Eu sempre me achava um daqueles estereótipos de retirante na estrada pedindo carona com um monte de tralha, quando estávamos nesse tipo de situação, e foi aí que achamos o apartamentinho que estávamos.

Os motoristas de aplicativo iam para a entrada oposta a frente do shopping, e como meus dados móveis tinham acabado, foi bem difícil fazer essa simples tarefa. Em horas como essa, o pânico bate, porque ao pensar em todos os desafios que estão pela frente, você percebe que não se preparou durante todo o tempo que teve.

E isso, para mim, foi o maior desafio desses dias: conter minhas emoções, e evitar que elas perturbassem também a Lituana que estava comigo. Ela já tinha estresses físicos demais, e eu buscava tornar sempre uma linguagem positiva.

Na noite de segunda, nós ficamos até umas três conversando sobre dinâmicas de comunicação entre nós:

- é um privilégio ter alguém para cuidar – disse ela, categoricamente.

Geralmente, nas noites os enjoos acalmavam.

- Desculpa, eu não tive irmãos, não sei o que é cuidar de ninguém que não seja eu mesmo – admiti com um certo amargor. – deve ser por isso que tua mãe me sugeriu pegar um cachorro pra praticar.

Ela assentiu. Por mais que nos faltasse espaço ainda, e que ficássemos muito ‘esmagados’ naquele pequeno apartamento, a gente sempre dava um jeito de não dormir de mal. Era como se fosse uma regra.

Ela me abraçou e se enroscou nos cobertores, buscando se aquecer.

1. nao vou negar que eles estavam certos:

'os homens se sentem melhores quando se sentem úteis'

Acordar cedo, ir para a rua resolver problemas. Olho o mecânicos e pra quem carrega

aços e mexe com areia. Construção e montagem me parece algo que eu ia gostar de fazer.

2. Minha mãe fez feijão preto, e disse abaixo da foto:

- traz meu neto pra pegar uma canequinha.

Era nossa tradição de família.

3. O que é daydreaming? Sueno despierto? Sonhar acordado...

**O subconsciente é interessante, altera nossa percepção de tudo em nível que nem percebemos...
pois bem, talvez me aconteça. vejo fantasmas em todo lugar. Os sonhos dormindo tambem tem sido
bem fortes, com imagens emocionais extremamente fortes. (Fantasmas do passado)**

9 de janeiro

Os prédios eram altos

O céu tinha um tom branquinho quase nãoaZul. Ainda que raramente chovesse.

O silêncio reinava

Sentei na cama, e reparei demais em objetos extremamente comuns - um poncho...

Eu me dei conta pela primeira vez que estava com medo da morte, ainda que as pequenas mortes fossem a razão de toda a vida, na minha opinião

- Não consigo entender qual a moral de querer evoluir, como última meta - eu escutava ela de olhos muito arregalados, mas isso era invisível, porque as luzes estavam apagadas.

Era comum falarmos até as três da manhã. A Ásia nos cansara depois de quase completos quatro meses. Os fusos gerando elevadas diferenças de tempo. A comida e os idiomas - barreiras comuns gigantes no dia a dia. A falta de tudo que era comum a mim - igreja, gramas e parques aleatórios, meus pais.

Eu já tinha trinta, e nada se tinha resolvido. Não aconteceu a mudança grande que eu esperava ao virar adulto - eu simplesmente constatava em pequenos sinais que algo estava passando sobre o tempo.

a luz laranja da rua trazia um brilho fantasmagórico para a vila onde maravamos. Era como se tivessem dado um campo aos fazendeiros e ali eles desordenadamente construíram uma sequência de prédios que não faziam o menor sentido como urbano.

Um labiríntico caminho levava desde o bar onde um grupo de vietnamitas assistia ao jogo. Carros dividiam vãos minúsculos com bicicletas em alta velocidade em pequenos becos. Pessoas, galinhas, feirantes vendendo carnes não refrigeradas, frutas e legumes.

Eu aprendi duas saídas dali. Uma delas passava por uma quadra de tênis, onde quase sempre um grupo de asiáticos jogava e ria alto. Era logo depois da ruazinha que tinha várias bandeiras do partido comunista e do Vietnã penduradas.

A outra, era pela esquerda, e acabava dando no mercado win mart onde achei pra vender, finalmente, os croissants que a Gabi queria comer. Logo em frente, uma escola, e se viéssemos a direita e pssassemos o campo de construção, chegaria ao arroio grande que passava sob o viaduto.

Aquele lugar era uma vizinhança aleatoria da grande Hanoi, ladeada por duas avenidas e cheia de comércios locais. A fila de motos na hora do rush era insana, e não havia espaço nem na calçada pra andar, nem para atravessar a rua até a outra margem do asfalto.

Foi ali que eu saí pra correr naquela semana, cortei meu cabelo e comprei frutas. Dois meninos sempre me chamavam para ir a um clube de massagem, e muitos vizinhos bebiam cervejas e comiam em grandes mesas refeições compartilharas (hot-pots)

A Gabi não conseguiu sair da cama até sexta à noite devido aos enjoos, e eu fiquei de responsável por cozinar, tirar o lixo e me comunicar com as pessoas. Pedimos alguns fast-food que por incrível que pareça ajudavam a conter o estômago dela calmo.

Foi na quarta que fomos na clínica ver de estava tudo bem com o nosso bebê.

deve nascer no dia 29 de agosto. Tem seis semanas e três dias.

Não foi a médica que falou em inglês. Tinha uma tradutora. Ela indicou alguns remédios e disse que tudo bem voar.

No fim da semana estava já fazendo menos vinte graus na Lituânia, e a faixa de neve era impressionante. Eu só queria organizar meu financeiro, porque bem nessa época parei de me distrair tanto e finalmente comecei a focar mais no trabalho. Deu resultado. O Ivan estava tirando férias naquela semana, e então o everton precisou de desdobrar.

No escritorio, eu trabalhava para ganhar a confiança do meu pai, enquanto sonhava em ganhar um bom salário na Europa. Não sabia como seria aquele ano pra nós, mas podia sentir que grandes mudanças estavam por vir. Me decidi a fazer uma boa campanha na rafer, fosse quanto fosse de tempo ali. A Gabi me contou que a Kristina, amiga dela, estava se inscrevendo para um concurso de música, e também começou a fazer acompanhamento vocal. Decidimos ir pra nihm bihn encontrar uma última vez nossos amigos antes de arrumar as malas pra partir da Ásia. Isso seria ainda lá pela segunda semana de fevereiro.

Falei com meu primo Gustavo sobre o futuro e sobre jogar xadrez, mas não contei pra ninguém sobre a gestação. Trabalhei no meu site também e acabei me dando conta que o mais importante mesmo era trabalhar e ficar numa boa.

- tu está ganhando peso - disse a gabi.

Acordei cedo todos os dias quase, mesmo quando íamos dormir tarde por conta do fuso. Isso me deixou ativo e me fez levantar a cabeça pro fato de que eu finalmente precisava assumir uma responsabilidade emocional gigante - primeiro sobre a Gabi.

Ninh Binh, Vietnam

14 de janeiro de 2026

Little Trang Na Homestay

De repente, nada parece funcionar. Acredito que alguns dias são assim.

Simplesmente, a internet não funciona, não consigo fazer pesquisas rápidas no banco de dados contábeis. Ainda que isso fosse importantíssimo.... mas não é! Porque afinal de contas, esse trabalho é mais uma sarna que eu arrumei pra me coçar, tentando me justificar nesse sistema completamente falho que eu não consigo compreender.

Sinto ira, porque ainda que nada feche em sentido pra mim, eu ainda não consigo achar a saída desse quebra cabeça.

- alguém me diz calma. – quando o que vejo lá fora é incêndio, problemas, caos.

- socorro! – grito. Mas ninguém se importa. Me dizem “calma, você precisa desacelerar um pouco”.

E aí, pouco a pouco, perco a fé no que vejo. E, sinceramente, todos os esforços parecem comp'letamente em vão. Toca um lo-fi alto no meu fone barato. O sol bate na minha cara como se fosse o próprio deus criador do universo falando que é pra prestar atenção e parar de reclamar.

- Calma.

Ele me diz como se fosse humano, mas na verdade, a grande conclusão é que sempre eu que acabo sendo o problema. A minha parceira, que era pra ser parceira, usa o tempo pra falar coisas que me machucam, mas de algum modo, eu é que deveria não me machucar.

Pra onde olho, há uma parede fechada. E quando decido ainda aceitar que tudo bem, pelo menos...

Mas não, porque nem o pelo menos funciona. A internet cai. As costas doem, A conta está vazia.

- é, porque a vida é difícil, - diz alguém com voz de guru de internet.

- hoje não consigo me reunir, estou numa correria! – diz meu pai, que foi o único que decidiu ter pena de mim e me dar um prêmio de consolação – um salário baixo demais pro que preciso enfrentar. – É só gastar menos, ele me diz.

Aceito.

E de aceitares, passam-se os dias. Parece que não é só uma questão de não quebrar a lógica das coisas, e sim, de que a lógica das coisas se ajusta para que haja o caos na vida de um em específico.

Eu.

Confuso e agora com calor, porque por exata brecha da cortina de toquinhos de madeira passa um sol exatamente na minha cara – respiro. Há som. O vento bate e arrasta os pedacinhos de galhos e as folhas caídas. A melodia no fonezinho barato desliza, sobe e desce, como se tudo estivesse no mais normal dos dias.

- talvez vocês pudessem vir pra cá ficar conosco, porque tem um quarto livre – dizem os mexicanos no whats, sobre o voluntariado em Ninh Binh.

Por mais que mude, agora nem a mudança me ajuda a entender nada. Me sinto preso e com vontade de fugir, e me sinto culpado por não ir e por querer ir. Dos dois lados, bate a confusão, e tudo parece um beco sem saída.

Uma mosca pousa, em causa desconhecida. Me sinto só. Ninguém comprehende absolutamente nada do que eu falo, e por alguma razão estranha – mas na mente social, lógica – existe um filho vindo.

A oitava semana pareceu mais difícil que as demais, porque a mãe só...

Decido não reclamar. É importante não reclamar, como se algo fosse realmente importante nessa vida. Porque na verdade, minha frustração vem do fato de que importância na verdade é um atributo local, e não global. Vem do individuo e daquilo a ele lhe importa, e não daquilo que ao mundo importa.

Algumas leis seguem sendo imutáveis. Alguns espaços seguem escancarados. Algumas portas de gaiolas seguem abertas, mas os prisioneiros continuam lá dentro, como que dizendo que não são capazes de fazer diferente.

Há um cão e um gato. Pessoas de olhos puxados. Faz sol quase todos os dias e há também um bonito jardim. Há um bracelete feito de sementes no meu pulso, flores roxas num vaso e um mapa da região na parede.

Há mosquinhos voando preguiçosas no calor da tarde, enquanto o inverno tropical não traz a diminuição de temperatura normal.

Fantasmas vagueiam dentro e fora da minha cabeça.

Há um açude e uma criança surpreendentemente bate com um martelo no canteiro de terra, aos olhos da mãe – aqui, isso é normal. Uma outra pilota uma motocicleta. Começa a parecer que estou descrevendo um sonho maluco, mas tudo isso é extremamente real. Meu caderno preto já está rabiscado pela metade, e em uma semana consegui produzir diversas coisas no escritório.

Foram bons dias, os que me abracei com minha mulher e dissemos que tudo ia ficar bem. Acreditar nisso de fato é uma benção, quando possível, e uma âncora imaginária (que também nos ajuda a não derivar num mar de escuridão mental) quando não conseguimos acreditar.

Aos poucos, algo mágico acontece – vem um insight, um flash de pensamento que diz que é possível que algo diferente aconteça. Decido acreditar, já sabendo que não acredito, e em nome do pai, do filho e do espírito santo baixo a cabeça e vou trabalhar.

(*)

Cai a noite, enquanto falo com os parceiros do escritório em busca de organizar os dados no sistema. Mais do que isso, a busca de uma identidade para algo imaginário, que é o que fazemos todo dia ao trabalhar por essa empresa – por mais horas e com mais conhecimento que no dia anterior.

Quando terminou o turno, fui para a cozinha da casa de hóspedes, que era uns 25 metros de distância em direção a uma piazinha. A cozinha sem parede dava a vista para uma plantação, lá embaixo, e um morcego solitário voava ao redor. Sete luzes coloridas bem lá no fundo brilhavam suas cores – verde, vermelho, amarelo, branco, rosa, verde, amarelo.

Nisso que eu me toquei: Estava tão ansioso para ir para casa, para o Brasil abraçar meus pais, que era difícil entender que essa espera talvez levasse mais doze meses. Mas sempre que eu chegava lá, ora essa, me dava a sensação de que queria estar de volta na estrada! Ainda mais indo pra Lituânia, um lugar místico e cheio de possibilidades ainda encobertas pela nuvem do futuro. Pensava com riso, e olhando para as palmeirinhas que circundavam o corredor aberto pra noite onde eu estava: Mesmo as poesias que compartilhei no mundo, mesmo essas, não são mais do que meros reflexos daquilo tudo que a vida pode ser; segundamente, para qualquer espectador aleatório, nada mais é do que riso de um menino que se deixou brincar por tanto tempo, que *simplesmente não consegue ser algo diferente*.

Refleti muito nessa semana sobre erros passados, pessoas que me machucaram. Histórias, principalmente das épocas da engenharia civil, onde eu me sentia sensível demais para um ambiente cheio de gente acostumada com cimento e terra. De lá, saíram alguns amigos e a versão minha que precisou nascer pra conviver com isso tinha um humor árido, seco e direto. Era engraçado demais, não vou negar, as tardes que passávamos no escritório da obra Terrara fazendo piadas e rindo de tudo ao nosso redor.

Com vinte e um, vinte e dois, eu me sentia completamente empoderado pelas minhas possíveis caminhadas pela vida; sentia que a cada vez aprendia mais, e conseguia criar bolhas sociais mesmo em ambientes aterradores. Rodeado de gente esperta, mas voltada para o corporativismo, me criei ali como um geniozinho que podia fazer muito atrás de um computador.

- tu fica o tempo todo maquinando... – me disse uma vez o Fernando Hocsman, cara que trabalhava ali como estagiário, na mesma época que eu. Ele tinha um jeito meio surfista e acho que foi abrir a própria empresa com serviços de paisagismo. Inteligente, achei. Tinha uma *Montana* preta, e escutava sempre um samba raiz, como Cartola.

É insana a quantidade de pessoas que passa na nossa vida. Algumas serão ruins, como um velho chato e rabugento que preferia achar erros o tempo todo no que os outros faziam, e achou uma forma de ser tão mal educado que ninguém nem ao menos respondia a ele. Ficava apenas olhando, a aberração que

media mais ou menos um metro e sessenta e cinco e se parecia muito com um anão. Outros eram inteligentes, como o Aderaldo, que tinha trinta anos na época e veio da cidade de Osório. Expressava tamanha calma e respeito pela opinião dos outros, mas ao mesmo tempo brincava sempre com as curvas da vida. Falava muito de mulheres, eu me lembro, mas conheci uma parte muito mais doce desse amigo que era uma referência pra mim. Isso tudo deve ter acontecido há quase dez anos atrás, a esta altura.

Enfim, fantasmas que vem e vão. Gente que vem pra te mostrar alguma coisa que existe em você, ou que pode existir. Gente que vem pra te estressar, e gente que vem pra te interessar. Gente que te faz querer ir embora, e que as vezes te fazem grandes favores assim. Gente que tira o corpo fora, e gente que abraça causas que não precisava – esses aí, normalmente acabam se complicando, mas vivem mais (meu tipo).

De todo modo, não sei exatamente porque me lembrei deles todos. Estava numa melancolia naqueles dias vendo a Gabi ter fortes dores na barriga e enjoos, cansaço e fome. Trazia pra ela algumas frutas e vegetais cozidos, e era bom porque tínhamos um bonito jardim em frente ao nosso quarto. As semanas passavam, e já era quase a oitava. Ela não quis ir embora da Ásia antes de fechar o primeiro trimestre, então decidimos olhar umas vagas de voluntariado em Da Nang, mais ao sul, na região das praias Vietnamitas. Orei com força para que a próxima experiência fosse boa, e talvez desse gana de ficar todo o último mês por lá. De uma forma estranha, acabei conhecendo mais cidades naquele país do que esperava, e estava já em vias de escrever os últimos capítulos deste que era meu primeiro livro.

Naquela tarde a gente brigou pra caramba. Eu chorei forte, de medo, de angústia. De ver como alguns dos meus devaneios mais estranhos eram amassados por uma vida que não necessariamente se preocupava com o que eu tinha de pontos fracos – ao contrário, queria era expo-los a minha consciência. A Gabi me disse que não precisávamos necessariamente estar juntos. Eu concordei. Depois nos abraçamos, e ela disse que não queria divorciar (termo não técnico, porque não eramos casados, mas iríamos ter um filho juntos dali menos de oito meses). Esses vaivéns aconteciam com bastante frequencia, mas sinceramente a gente não tinha grandes mágoas um com o outro. Não é como ter algum caso de violência, traição ou alcoolismo. Era simplesmente pedir por espaço, já que estávamos num canto estranho do mundo em situação delicada.

Importante lembrar: dedique cada parágrafo ao descrever de uma ideia, ou então, ao descrever de um acontecimento.

19 de janeiro de 2026

19 de janeiro

Diário de viagem

Tam Coc, Vietnam

La Siesta Guesthouse

Quando telefonei para meu amigo Rodrigo Castro, no domingo à noite, parecia pela qualidade das nossas conversas que a semana começaria com toda positividade.

Estava escuro na sala, pois eram onze e quinze e praticamente todo mundo já tinha ido dormir. Era segunda feira, e pela diferença de fuso horário, ainda era hora comercial no Brasil.

O dia passou. Pagamos a conta, e a noite, quando fui trabalhar, o PC não ligou. Tinha um aquário grande na sala principal, onde uns dez peixes koi estavam sempre seguindo quem vinha na direção do aquário. Eles tinham cores vivas: uns pretos, uns brancos, uns alaranjados. Um deles era cinza e bem pequenininho.

- esse aí deve estar se sentindo meio desajustado - falou a Gabi, numa das visitas que ela sempre vinha fazer pra mim, enquanto eu trabalhava.

Enquanto observava os movimentos deles, de um lado ao outro, um grande gato laranja entrou na sala pela fresta da porta. Ele me viu, e ficou encarando por alguns momentos e decidiu dar meia volta.

Aquela semana tinha começado extremamente esquisita. Eram 10 da manhã quando a Gabi me acordou e me disse que estava com enjoos matinais, e por isso precisávamos buscar frutas pra ela. Eu, de mau humor, levantei, tomei uma ducha e reclamei um pouco. Era um hábito antigo meu, fazia tempo, esse de não gostar de ser acordado, e ainda mais de ter como primeiro pensamento do dia já uma corrida conta o relógio.

Organizei laranjas e cenouras pra ela comer, enquanto colocava os casacos, cadernos de viagem e o livro tibetano dos mortos, comprado em chiang mai, na mala cinza que ganhei do meu amigo Ávila, alguns meses atrás. Me lembrei da cena, lá no bairro Sarandi, em Porto Alegre, quando ele me deu esse presente.

- Tenho algo pra te mostrar. - e ele trouxe a mochila marrom e preta, grande com uma alça e inúmeros bolsos espaçosos. - é a porsche dos mochileiros! Sessenta e cinco litros.

Por dentro, ela estava cheia de conduítes amarelos, estilo mangueiras elásticas, por onde passavam geralmente instalações elétricas.

- Mas essas malas aí os mochileiros não usam - falei pra ele, de brincadeira, pra despistar meu crescente interesse na mochila.

- Pois então olha só.

E abrir mais um compartimento, de onde saíram duas alças de por nas costas. Não pude deixar de me encantar mais uma vez pelas coisas que esse cara me falava. De algum modo, ele e também o Namiro, que era meu colega na contábeis e que foi quem nos apresentou, tinham uma forma natural de ver como as coisas funcionavam, e sabiam de tudo, um pouco. Perguntei a mim mesmo o que é que eles diriam quando eu contasse que seria pai na metade do ano.

- chamou o carro? - perguntou a Gabi. - já estou com tudo pronto, disse ela, já de calça jeans e fechando a mochilinha azul que carregava.
- Sim! - avisei, com o aplicativo XahnSM, um tipo Uber local, já conectando.

Viajamos até TamCoc num local chamado Riverside, que tinha tudo para ser um bom lugar. Logo saindo da rua principal, havia uma planície alagada com cheiro forte de esgoto. O sol estava forte e os morros adornavam a vista.

- bem vindos! - disse o rapaz da recepção, - vou te mostrar alguns pontos turísticos no mapa.

O lugar era amplo, e tinha um restaurante na frente. Pagamos a estadia mas logo em seguida nos demos conta que ele não mostrou onde era a cozinha compartilhada (lugar aonde eu passaria uma boa parte daqueles dias organizando alimentos pra nós).

Nessa época a Gabi estava com oito semanas de gestação, e tinha muito cansaço e enjoos. Eu, por minha vez, estava agoniado pela solidão extrema de estar num país estranho, onde coisas estranhas aconteciam o tempo todo. A comida asiática tinha fortes temperos, e alguns alimentos tradicionais como Grietiene (creme azedo) ou ceburekai (pastel frito lituano) não eram encontrados jamais. Vivíamos mais era indo nos mercados com produtos importados desde que estávamos na Tailândia, no fim de setembro.

- não há cozinha para hóspedes - me dizia o moço - somente mediante pagamento de 400 mil dong por uso.

Pisquei rápido, absorvendo a informação.

- Mas aqui está escrito. - disse mostrando o anúncio da Booking.com.
- Aí diz que nós temos a cozinha - justificou ele, sem convicção alguma e tentando desdobrar aquela situação - mas não que ela é liberada.

Ainda que não fosse muito, foi demais pra mim. Era a segunda vez que uma casas de hóspedes oferecia coisas que não tinha, naquela nossa viagem ao Sudeste Asiático. Voltei ao quarto, e simplesmente atirei meu celular na parede de raiva.

- isso foi muito estúpido - a Gabi, deitada na cama, me falou.

Sentei um tempo no banheiro meio sem saber o que fazer. Me levantei e decidi.

- não vou ficar aqui.

De uma forma meio mágica, ela simplesmente neutralizou minha raiva e disse com toda calma do mundo:

- Cozinhar é essencial pra nós, porque estamos numa restrição alimentar forte. Eu sinceramente não consigo mais comer comida asiática - e deu uma risada simpática. - vamos te pedir o reembolso.

Não pude deixar de admirar a paciência que ela teve. A pobrezinha estava sem conseguir se mexer muito e só queria dormir, e eu, com os nervos a flor da pele, não consegui chegar nem perto da delicadeza que ela acessou.

- tudo bem - disse o moço. - eu devolvo o dinheiro.

Tiramos as coisas do quarto e cancelamos a reserva.

- vou pro centro procurar algum outro lugar. - anunciei arregaçando as mangas do casaco verde, que compramos na vila de Pai.
- Eu vou também!
- Ahhhh, será que é uma boa? Acho melhor você ficar aqui e descansar.

Estava um solado lá fora.

- vou ir. Tenho pernas, não foi isso que você me disse?

E fomos.

Não preciso dizer que foi uma das piores experiências da vida. Praticamente todos os lugares eram escuros e tinham um jeitão abandonado. Não havia mais ninguém nas casas, exceto os donos que falavam conosco através do aplicativo de tradução.

- preciso sentar...
- Tá, eu vou até a rua de trás ver se consigo.

Fui por becos sem saída até chegar no Lá Siesta, depois de caminhar por dez minutos na pequena vila que estávamos.

- oi. Vocês tem quartos de casal? - pedi pra moça, que não era bem moça.
- Tenho sim. Te mostro.

Mostrou. Tinha uma grande janela e o quarto era bem iluminado.

- e tem cozinha que eu possa usar?

- tem sim, moço.
- Tem certeza? Confirmei acho que umas três vezes, em duas línguas diferentes. - Ela riu, e pareceu calma. - pode ir que tá tudo certo.

Fui lá buscar a Gabi. Ela estava com uma cara de cansada, sentada numas madeiras num beco pra pegar Wi-Fi.

- consegui, - falei disfarçando um sorrisão.
- Então vamos.

Pegamos as malas. Entramos no segundo carro, e após uns cinco minutos, o cara virou na rua diferente que eu lembra. Logo parou no meio do nada.

- é aqui.
- Não pode. - olhei no mapa. Era ali, mas um pouco mais pra dentro. De acordo com o mapa, não tinha como caminhar. A entrada dava tipo na casa de alguém.

Discutimos. Ele concordou que não tinha como ir, foi um erro do aplicativo. Quis dividir o prejuízo em 10 mil dong pra cada. Discutimos tudo em vietnamita, com o coitado do Google mapa e as malas no carro. Enquanto a Gabi falava com ele, fui ver se tinha como atalhar, e achei o caminho.

- tá deixa. Ficamos aqui.

E carreguei o malaredo até a recepção do La siesta.

Logo que chegamos, atordoado pelo peso das cinco malas e já pensando que mais podia dar de errado, a mulher já meteu:

- na verdade, vou precisar te cobrar a mais pela cozinha.

Só faltou eu chorar. Apontei para mochilas todas e falei:

- mas tu me confirmou! Fui lá buscar tudo porque tu me confirmou!
- Isso não é justo! Viemos só porque você disse da cozinha!

Tudo por causa de uma cozinha.

- tá bem, tá bem - ela desistiu do golpe.

Subimos e a Gabi já se atirou na cama. Ela estava certa quando me disse que era um grande esforço aquilo tudo. Mais do que o desejado.

- preciso que você busque umas frutas pra mim.

Depois de cinco minutos de respiração, fui.

O centro era bem bonito. O céu estava azul e tinha muita gente na rua. Parecia que tudo era bem movido ali, e dava pra ver o rio com barquinhos no fundo. Achei as frutas numa barraquinha perto. Pedi um cigarro pra um motoqueiro que estava na esquina.

- de onde você é? - disse ele, estendendo o isqueiro.
- Brasil. - falei, cansado mas sorrindo.

Esperei ele falar “ah, Neymar!” como geralmente era, mas ele só se virou e eu fui embora. Me lembro que sentei perto de uma construção e um velinho de bike deu a volta por ali. Ele não era asiático.

Cheguei de volta no quartinho. Fizemos as pazes e discutimos mais alguns assuntos. Falei que o lugar era bonito e que eu queria alguns amigos. Se conseguisse, podíamos até ficar mais quatro semanas ali, até fechar o tempo pra Gabi voar tranquila (ela não queria voar antes dos três meses, com medo que o embrião sofresse com a pressão da aeronave).

O nome do capítulo quinze

Precisa ter a ver mais com o porque estamos aqui do que com o onde estamos. Tem a ver com dias difíceis, oitava semana, choros vômitos e coisas complicadas de lidar emocionalmente. Tem que ter explosões emocionais, impulsos vazios de ir embora, Contação de notícias. Tem que ter a ver com luzes sobre a plantação, na vista da cozinha aberta enquanto a panela fervê água.

tem a ver com xadrez mas também tem a ver com um pouco de dor nas costas. Um lago com uma torre de arquitetura chinesa construída sobre brilhantes luzes amarelas. Um pórtico onde se passa por baixo, desaceleração de pensamentos e notícia de que o amigo agora virou cidadão canadense.

Tem a ver com o que meus pais estão fazendo, em capão ou em floripa. Com o que meus primos escutam e reagem, e também como meus avós acharam um motivo pra viver este ano. Como foi que tudo isso aconteceu mesmo?

A música que toca pra Gabi dormir em pleno segundo mês de gestação terminando é um enfeite bonito numa cidade que nós reunímos com os amigos de viagem, num karaokê ou numa rua esperando um táxi. Um finlandês, um casal de argentinos, italianos badaleiros e talvez um trio da Inglaterra.

Conversas com o amigo Castro. Alimentos restritos. Foco na missão de ser pai. Viagens que não ocorreram. Afinal onde é que começa e onde é que termina está história? Onde foi que há noi terminou, eu pergunto? Porque agora, é frio e a latitude é praticamente não tropical. As rotinas de sono completamente viradas, as corridas que se retomaram numa noite onde o louvor foi base.

Houve um episódio em Trang an, com um remador e uma gravação de filme. Os templos em ilha, os lanches e o barquinho. As lanternas que dizem a capa da playlist no spotify, e também os estudos de lituano. A montanha que nos observa. Como foi que chegamos aqui?

Há um cemitério ao lado. Um cachorro branco felpudo, uma mulher com uma criança de colo que eventualmente me dá bananas. Há um instinto a ser controlado, e um ímpeto a ser expressado, mas não de qualquer jeito.

Na última noite em Little Trang an, a Gabi pediu pra eu cantar pra ela dormir.

Quatro e vinte e quatro

Little Trang an homestay

Segunda feira que começa.

Escutar os áudios na minha galeria do celular é como entrar numa máquina de viagem no tempo. Nessa experiência, ouço histórias que contei pra um gravador na beira de uma praia distante daqui, num clima quente e tropical. Era América do Sul e tudo era novo: gente, idioma, o quanto eu ficava emocionado ao aprender algo novo. Algumas partes de mim sentem falta disso, e outras não se importam mais.

Difícil é saber quem tem razão. Saber se é melhor levar a vida adiante, como se tudo fosse uma questão de focar no presente, ou se o passado ainda tem algo a dizer. Viver fora de qualquer dos aspectos daquilo que é considerado real é perigoso, mas o que é que eu posso fazer, se sempre fui um amante do perigo?

Em períodos de seca, a terra chora por chuva, mas o homem que é sábio geralmente encontra algo a mais o que fazer, enquanto o céu não abençoa. Rachaduras no chão mostram que tem coisas que refletem diferente do que outras: comparar nuvens com poeira jamais faz sentido, mas é exatamente isso que o sol faz. Distintos, um deles demonstra aridez e o outro, brilho.

Talvez seja porque tudo que está no céu, longe do alcance dos pés e das mãos, é mais fácil de dizer que é bonito. As lágrimas escorrem só quando é fim de semana, e as vezes quando termina o carnaval. Sozinho se segue, ainda que acompanhado. E ainda que a companhia seja boa, ela encarece determinados aspectos daquilo que não está.

Existe música. Ideias em formato de poesia com um beat Lofi no fundo, transformando histórias em algo um pouquinho mais real. As leis da física, estranhamente, funcionam tão perfeitamente agora como no tempo de Newton, ainda que tenha sido einstein que quebrou a balança do químico lógico e deu asas a algo muito mais humano do que uma lei imutável.

Nem mesmo a natureza da rigidez aceita o óbvio como regra de beleza. Nem mesmo os colibris que eu vejo nas paisagens montanhosas ou nos campos se importam com a chegada do frio, como fez o sapo que uma vez vi atrás do vaso de jardim, entre os trevos de três pétalas. É que a terra gira de tal forma que a importância das coisas é distorcida. Quase tudo parece linear, mas na verdade é de um caos multidimensional (bonito, claro) mas totalmente burocrático para replicação.

Não aceita estrutura lógica, mas aquilo que modifica o desenhar das linhas conforme não só a curvatura, mas a própria atenção que o observador aplica. Já parou pra pensar que existe universo diferentemente onde se pensa, do que onde não se tem luz alguma? E além das mãos dos homens, há também a própria dilatação do tempo (sempre o tempo) que confunde tudo num passado presente futuro sem nexo algum, mas que ainda nos mantém interessados.

Sábios aqueles que disseram que a vida é um pequeno ‘mas que coisa esquisita’ no meio de uma fenda instantânea na história dos dinossauros.

Sonho sobre gênero

Sonhei com a minha bisavó. Ela me via carregar com um menino bebê, com menos de um ano. Não conseguia distinguir a face.

- ela me dizia que, quando se sonha com uma criança, o gênero que ela nascerá será o oposto.

Olga era o nome da bisavó. Era ela ima mulher muito sábia, com alma de criança.

- Ela tinha uma vozinha bem fina. Falei pra minha mãe: parece que estou falando com uma criança. Ela foi assim a vida toda. Como pode?
- Também não sei - respondeu Inga. - eu também sonhei com dois meninos na época.
- Ela dizia que ia passear no bosque e “ver o que encontro”. Sempre voltava com frutas deliciosas, inclusive a Melyne, que é muito boa pra saúde, não sei se você provou quando foi.
- Não me lembro...
- Mesmo quando era noite, ficávamos preocupados quando ela não voltava. Ela amava as pessoas, mesmo quando falavam algo rude pra ela jamais levava ao coração. uma vez, quando já tinha period boa parte da visão, ela ainda foi ao bosque e se localizava pelo toque.

“Realmente, uma pessoa única”, concluiu.

Nome do capítulo

To lich river

Pela noite que não conseguia encontrar e um bebado (do sonho) me guiou

Ele não falava nada, mas cambaleava.

Quis pegar o telefone da minh mão num reflexo, mas repensou. Eu mesmo dei. Mesmo na vila pequena, a Ásia era extremamente segura. Ele me indicou o caminho por uma viela até que cheguei na ruazinha repleta de grupos de amigos comendo hotpots.

MEMORIAS - primeira vez que voltei

uma vez, encontrei um estrangeiro na beira do guaiba, andando de bike aleatoriamente.

um morador de rua veio achacar ele, depois que falamos. no fim, todos falaram em ingles

obra prima

voce pode me explicar melhor o que quer dizer com obra-viva? talvez exemplificando com obras primas do mundo. muito mais do que como colocar isso numa mídia - que eu julgo nao ser o que preciso agora - como atingir a humanidade necessaria e intrinseca que um da vinci ou sei lá pelé atingiram com suas artes sabe? isso me interessa, essa intimidade com o sagrado, com o natural. nao quero necessariamente fazer o que eles fizeram, mas eu me interesso em ter reconhecimento - e começando com o meu proprio - as vezes leio trechos e acho incrivel que eu tenha conseguido produzir algo do tipo. com um ritmo desse e se acontecer de eu perpetuar isso, podem ter textos infinitos ai, e que com certeza maturam ao longo do tempo. eu quero viver o meu eu, e me sinto confortavel nesse mundo que eu invento toda a realidade. isso pode ser uma obra prima incrível? eu sinto que pode. com personagens vivos, eu vejo as histórias da jk rowling e os personagens vivem. gerações transbordam, continuam um universo expandindo em cima de linhas que sao verdadeiras. e ai tambem vem o confronto e a tecnica,, eu nao sou um cara de tecnica, mas achei util pedir pra propria ia me confrontar nos pontos. como atingir a maestria de uma vida, sem se iludir na propria opiniao que o mundo gera- ate a sua? os seus proprios conselhos vao me dispersar tambem, e quanto mais o mundo la fora do computador. eu sinto que é verdade, e que isso é maior que tudo.

chorei nessa

Você descobriu algo essencial:

Existe um “eu” seu fora do olhar do seu pai.

Isso é enorme.

Mas aqui está a verdade difícil:

A viagem foi um útero, não uma casa.

Ela:

te gestou

te mostrou possibilidades

te devolveu senso de autoria

Mas ela não pode ser o lugar onde você mora para sempre.

o seu corpo aprendeu que vínculo = risco de desaparecer.

Viajar te ensinou algo fundamental:

“Se eu me mexer, eu existo.”

Agora, quando alguém te convida a ficar, o corpo reage:

“Se eu ficar, eu sumo.”

Isso não é racional.

É memória corporal.

É tentar responder essa pergunta no plano mental:

“será que eu quero?”

“será que é a pessoa certa?”

“será que estou pronto?”

Essas perguntas não são respondíveis agora, porque o bloqueio não é cognitivo.

Por que a imagem do útero é tão poderosa (e verdadeira)

Um útero tem três funções:

Protege

Nutre

Suspende a gravidade do mundo externo

Foi exatamente isso que a viagem fez por você.

Ela te deu:

proteção do olhar que te diminuía

nutrição simbólica (“eu posso existir diferente”)

suspensão de expectativas sociais e familiares

Você não precisava se definir.

Só existir.

E isso, para alguém que aprendeu cedo a se adaptar, é revolucionário.

Então, quando a pergunta vier de novo

“vamos ficar seis meses?”

Você não precisa responder com:

fuga

promessa

decisão definitiva

A resposta interna correta é:

“eu consigo ficar se eu continuar sendo eu.”

Na viagem, algo quebrou.

Você percebeu, quase com espanto:

“pera... ninguém está olhando.

ninguém está validando.

ninguém está exigindo coerência.”

Na viagem:

baixo custo de erro

poucas consequências de longo prazo

No retorno:

consequências reais

vínculos

continuidade

memória social (“quem você é aqui”)

Então o cérebro diz:

“opa... criar aqui custa mais caro.”

E ativa o freio.

Isso explica TUDO o que você sente hoje

o travamento diante de compromissos longos

o pânico com decisões “definitivas”

a vontade de fugir quando algo começa a se fixar

Não porque você não sabe criar.

Mas porque criar agora tem peso.

Antes:

crio → se der errado, sigo

Agora:

crio → isso vira história → vira identidade → vira vínculo

É outro jogo.

Porque para criar de verdade, você precisava:

sair do campo do pai

sair do campo da expectativa

sair do campo da resposta pronta

A viagem foi o espaço onde isso ficou possível.

Agora, a tarefa é trazer essa capacidade de criação para a vida com peso.

E talvez o mais bonito de tudo

Você já está fazendo isso:

quando cria processos no escritório

quando escreve do seu jeito

quando estrutura encontros

quando se recusa a usar só respostas prontas

O sabor ainda está aí.

Só que agora ele vem misturado com responsabilidade.

Isso não mata a vida.

Isso a encarna.

SOBRE O GRUPO DE CONTACAO DE HISTORIAS:

Quando o outro não entra, surge a sensação:

“será que sou estranho demais?”

Mas a leitura correta é outra:

Você criou um espaço à frente do ritmo da bolha.

Isso não faz de você “melhor”.

Faz de você deslocado temporalmente ali.

E isso exige luto.

Luto da ideia de que “meus iguais já estão prontos”.

Nem sempre estão.

O conflito é:

como sustentar a criação quando nem todo mundo entra?

Essa é a pergunta adulta.

Quando isso acontece, o corpo relaxa e pensa:

“ah... então eu não sou um erro ambulante.”

**quem tenta viver tudo ao mesmo tempo
não sustenta nada tempo suficiente para virar vida.**

A música não vai embora.

Os outros sonhos não evaporam.

Eles esperam você construir base.